

A ESCOLA PRIMARIA

REVISTA MENSAL

Sob a direcção de inspectores escolares do Districto Federal

REDACÇÃO:

Rua 7 de Setembro, 174
Rio de Janeiro — Tel. 4337 C.

ASSIGNATURAS:

Para o Brasil.....	um anno	9\$000
União Postal.....	» »	10\$000
Para o Brasil.....	6 mezes	5\$000

SUMMARIO

Nacionalisemos o ensino primario.	Correspondencia
IDÉAS E FACTOS	Expediente
— Politica de instrucção publica —	A ESCOLA
— O ensino da historia.	F. Cabrita..... A lingua portuguesa nas escolas primarias.
F. Cabrita..... A federalisação do ensino primario.	ESCOLA NORMAL
— Uma nuga orthographica que me servio de passatempo.	Alfredo Balthazar da Silveira..... Instrucção moral e civica
— «A Escola Primaria»	LIÇÕES E EXERCÍCIOS
— Bibliographia	

NACIONALISEMOS O ENSINO PRIMARIO

Entre os assumptos estudados e debatidos pela Conferencia Interestadual de Ensino Primario, em boa hora mandada convocar pelo Sr. Presidente da Republica, sobrelevam, pela sua importancia, os que dizem respeito á nacionalisação do ensino primario.

Convém, aliás, não esquecer ter sido essa magna questão o primeiro motivo de intervenção da União em materia de ensino primario.

Desde que se organizaram o Districto Federal e os diversos Estados da Federação, que a União se havia despreocupado totalmente de quanto diz respeito ao ensino primario, como si taes questões unicamente interessassem aos estados e não á unidade da patria brasileira.

Foi preciso que a grande guerra, entre os muitos aspectos que nos desvendou, viesse patentear em toda a sua gravidade o perigo da desnacionalisação dos estados do extremo sul, pela influencia crescente das colonias germanicas nelles installadas, para que despertasse-mos da indiferença em que estavamos, lembrando-nos do valor da escola primaria como recurso proprio para assegurar o espirito de unidade nacional e combater a influencia das correntes emigratorias estrangeiras.

Resolveram então os poderes federas que a União tomaria a si a subvenção de escolas primarias, creadas com o objectivo principal de combater a influencia estrangeira nos estados do Paraná, Santa Catharina e Rio Grande do Sul, onde tal influencia se apresentava mais perigosa.

A criação de taes escolas subvencionadas — o primeiro acto da União em materia de en-

sino primario — foi realizada pelo decreto n.º 13.014, de 4 de maio de 1918.

Hoje, as escolas subvencionadas pela União nos estados do sul já são em numero pouco inferior a meio milheiro, e relevantes têm sido os serviços por ellas prestados para a nacionalização do ensino, principalmente pelas localizadas no estado de Santa Catharina, confiadas pelo governo federal á dedicada fiscalizaçáo de um profissional competentissimo e patriota, intelligente e esforçado, o professor Orestes Guimarães, a quem coube apresentar á Conferencia Interestadual um valioso relatorio sobre o momentoso assumpto.

A muitos talvez pareçam exagerados alguns conceitos externados nesse relatorio e mesmo algumas das conclusões approvadas pela Conferencia, relativamente á nacionalizaçáo do nosso ensino primario.

Não ha, porém, exagero algum no encarecimento da magnitude do assumpto e no radicalismo das medidas que a tal respeito devem ser tomadas para a garantia do nosso espirito nacional.

Pode-se, mesmo, affirmar, sem receio de erro, que o problema da nacionalizaçáo do ensino primario sobrepuja a todos os mais que se suscitam em materia de educaçáo do povo, inclusive o da propria alphabetizaçáo.

Por mais valiosos que sejam os beneficios da alphabetizaçáo, o nosso patriotismo não pode admittir que elles sejam alcançados á custa da dissoluçáo do nosso espirito nacional, pela influencia de quaesquer preponderancias estrangeiras, ou pelo influxo de um cosmopolitismo não menos prejudicial.

I-IDEIAS E FACTOS

Politica de instrucção publica

VIII

O ensino da história

Si o professor primario, antes de apresentar aos seus discipulos um quadro da evolução brasileira, embora reduzido ás linhas geraes de um esboço a traços largos, não pode deixar de meditar profundamente sobre a diversidade de caracteristicos da expansão maritima de cada um dos dois povos da península iberica, igualmente necessario se faz que elle reflecta sobre a influencia que um e outro desses dois povos exerceram sobre a nossa evolução, durante o largo regimen do periodo colonial.

Embora a acção de Portugal tenha sido mais directa e prolongada sobre a nossa formação nacional, nem por isso a influencia da Hespanha se fez sentir em consequencias de menor alcance, e si muito devemos a Portugal pelo que se exgotou em sua tarefa colonizadora de nossa patria, tambem somos devedores á Hespanha pelos beneficios que, directa ou indirectamente, essa nação prestou ao nosso desenvolvimento.

Entre taes beneficios, justamente, devem ser incluídos os que logramos da propria acção portugueza estimulada pela rivalidade hespanhola, desde os primeiros tempos da descoberta, até aos derradeiros dias do periodo colonial, pois, si é certo que a rivalidade entre os dois povos ibericos nos arrastou a lutas penosas e sacrificios de monta, tambem é fóra de duvida que a Hespanha exerceu sobre o seu vizinho da península uma notavel acção estimulante dos zelos pela conservação e desenvolvimento da sua grande colonia sul americana.

Mas a influencia da Hespanha em nosso progresso não se fez sentir sómente pela forma indirecta que vimos de indicar.

Os sessenta annos em que a união das corôas de Portugal e da Hespanha collocou o Brasil sob o sceptro hespanhol, assignalam um periodo de notavel progresso da colonia, progresso que per-

mittiu a primeira affirmacão da nacionalidade nascente na heroica attitude dos insurgentes pernambucanos, demonstrando ser o Brasil, em meio do seculo decimo setimo, capaz de defender-se de aggressões inimigas sem carecer de socorros estranhos.

Entre as beneficas consequencias do dominio hespanhol sobre o progresso da nossa terra devem ser especialmente destacadas as decorrentes do virtual esquecimento da linha de Tardes; mas, circumstancia que permittiu a livre expansão da actividade exploradora dos bandeirantes, e a dilataçã das fronteiras do Brasil, por forma certamente pouco provavel, si outras tivessem sido as consequencias do desastre de Alcacer Kibir na successão da corôa portugueza.

Foi, com effeito, a confusão dos direitos de Portugal e de Hespanha, pela reunião das duas corôas num só soberano, que facilitou o desenvolvimento do Brasil sem a perturbação de questões territoriaes e o entrave de competições economicas, que fatalmente se manifestariam, com todas as suas funestas consequencias, si as côrtes de Thamar não houvessem reconhecido Phillipe II como rei de Portugal.

Assim, pois, a influencia da Hespanha na vida do Brasil-colonia foi fecunda em beneficos resultados para o nosso progresso, e a rivalidade que a colonizaçã da America Meridional ainda mais accentuou entre os dois reinos ibericos, si não chegou a divorcial-as num antagonismo irreductivel, muito menos poderá ser erigida em pretexto plausivel de divergencias em prejuizo da boa harmonia continental entre os povos ibero-americanos.

E' preciso, portanto, combater a tendencia que, felizmente, já vae desaparecendo, pela qual os nossos pequenos patricios se habituaram, desde a escola primaria, a encarar os conflictos em que nos empenhamos no sul, durante o primeiro meio seculo de nossa vida independente, como o resultado de uma herança de odios e rivalidades. E' indispensavel que o professor primario se compenetre do verdadeiro papel da Hes-

panha na evolução colonial do Brasil, para que, apreciando devidamente a sua benefica influencia, afaste de seu espirito injustos preconceitos oriundos de um imperfeito conhecimento dos factos e de uma falsa percepção da nossa historia.

As contendas entre Hespanha e Portugal, para a definição das nossas divisas meridionaes, não podem ser consideradas como os antecedentes determinantes da politica militar que nos levou ás sangrentas lutas do sul, durante o segundo reinado.

Já é tempo de separarmos os motivos da politica imperial no Rio da Prata das rivalidades coloniaes que dividiram os dois povos ibericos.

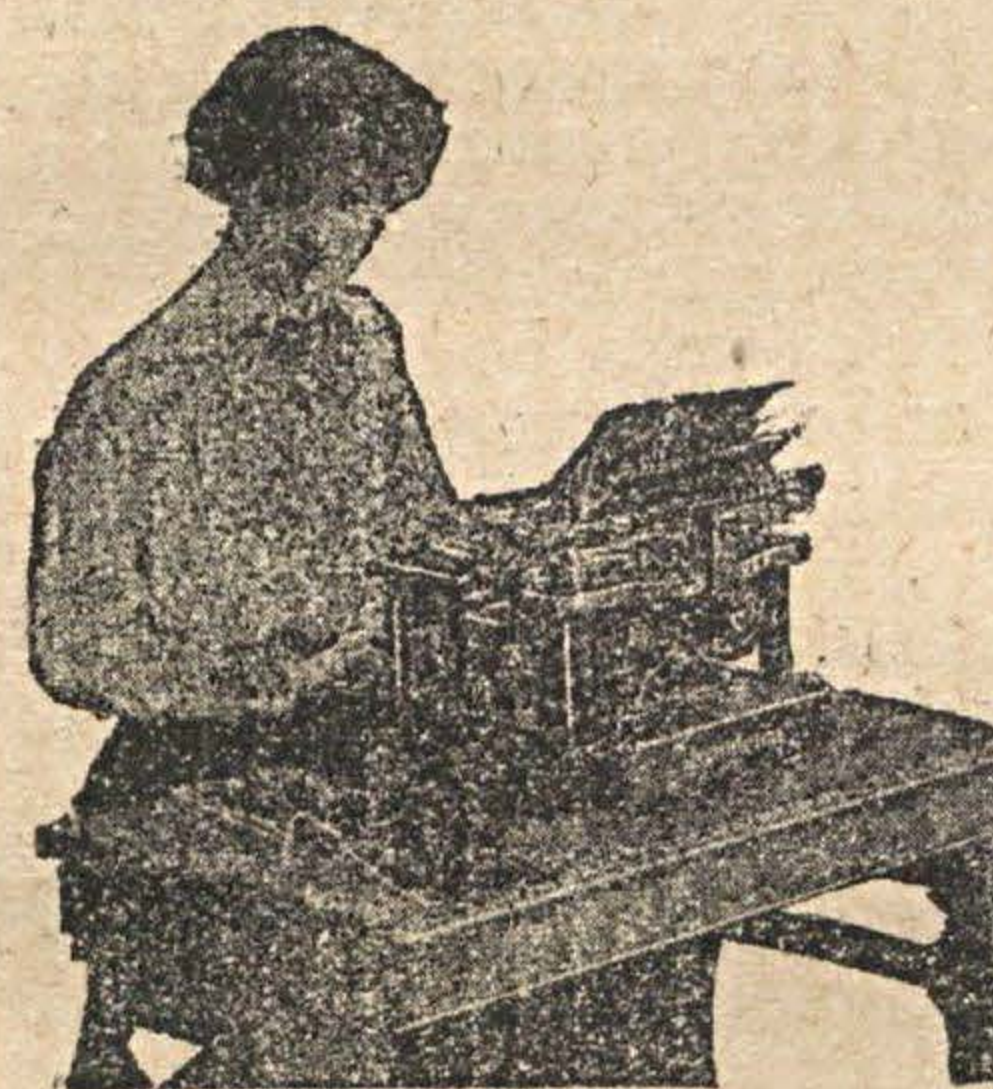
O Brasil-colonia muito deveu á Hespanha, para que o Brasil-independente pudesse herdar quaesquer odios ou malquerenças contra os filhos de Castella.

Eis ahi uma verdade historica, fecunda em consequencias politicas, e que deve ser profundamente meditada pelos educadores do nosso povo.

Parc-Royal

Especialidade
em
Uniformes e Enxovaes
para
Todos os collegiaes

A maior e a melhor casa do Brasil



**MENOS TRABALHO
MELHOR RESULTADO**

Sua correspondencia fala por V. S., revela sua propria personalidade.

Faça-a nitida e convincente, imprima caracter e uniformidade em suas cartas, usando a machina de escrever Remington com sahida automatica, que reduz o trabalho do dactylographo, reduzindo o custo da sua correspondencia, commercial.

Nada lhe custa pedir-nos uma machina para experiencia, afim de certificar-se destas vantagens.

CASA PRATT

Rua do Ouvidor. 125

Tel. Norte 2020

Filiaes ou Agencias nas principaes Cidades

MAPPIN & WEBB Ltd.

100, Ouvidor
RIO DE JANEIRO

JOALHARIA

Prataria, «Prata Princeza»
Objectos de arte, etc.

A Federalização do Ensino Primario

A proposito das idéas que temos expendido a respeito da conveniência da federalização do ensino primario, recebemos a seguinte carta do professor Carlos Rocha Brandão, o qual, em tempo, suggeriu uma these interessante sobre o assumpto.

«Estrella do Sul, 11 — 8 — 1921.

Senhor Redactor :

E' deveras estranhavel a susceptibilidade de alguns singulares puritanos que se oppoem á collaboração da União com os Estados, para uma segura orientação politica em favor da educação popular.

Sem nos darmos á pena de, nas malhas inextricaveis das nugas constitucionaes, no terreno escabroso dos commentarios á nossa magna carta, no direito substantivo da União harmonizado com o direito adjectivo dos Estados, irmos buscar legitimidade á auctorização dos nossos ideaes, sustentaremos, de antemão, que uma reforma da instrucção primaria neste sentido é eminentemente constitucional, simplesmente porque interessa profundamente á vitalidade, á conservação, á grandeza da Patria Brasileira.

E' justamente junto ao Tabernaculo de suas crenças, escripto sacrosanto de suas tradições, que se irá refugiar a grande familia brasileira, nos momentos de calamidade.

Duvidar da solidariedade da Patria, em dias ominosos como estes, em que todos os seus filhos se congregam para conjurar o perigo que a ameaça e extinguir o morbus que a degrada, é blasphemar — negando a propria entidade desta Patria, é ser-se parcella ou grão de area inutil no seu seio, e, generalizando, da humanidade, da velha humanidade, que espera e soffre, misera, na crosta de um planetoide fragil!

E' doutrina corrente, e todo o cerebro normal a pode facilmente comprehender, que á lei compete fixar condições necessarias á estabilidade da Patria e ao seu progresso. Ora, actualmente, a condição innegavel, de insophismavel necessidade, entre nós é a desanalphabetização do brasileiro. Os Estados da União — que têm competência para legislar sobre o ensino, nos seus diversos departamentos que organizaram, não podem custear-o; qualquer medida, portanto, que, de accordo com a União, tomem, para preencher esta lacuna, está claro, é constitucional. Uma lei desta ordem será

uma lei viva, não collidindo com nenhum dispositivo constitucional, e outro não pode ser o intuito do orgão legiferante.

Ha Estados na União (e como dôe dizel-o) — anemicos, como ha, dentro dos Estados, municipios financeiramente apoucados. São Paulo, o mais rico Estado da União, dentre os seus 204 municipios, contava, em 1917, com 27 que não atingiram a renda exigida pela lei! Municipios que não alcançaram a «maioridade»! Isto em S. Paulo; nos outros Estados, menos pingues, a proporção de banca rota é, naturalmente, muito maior.

O certo é que — ha Estados e municipios cujas aperturas financeiras não lhes permitem a organização proficua da instrucção publica primaria e que estão, fatalmente, fadados a continuar nesta situação dolorosa — si a União não intervir provendo ás suas duras necessidades.

O Exmo. Sr. Dr. Arthur Bernardes, na sua mensagem ultima ao Congresso mineiro, na parte relativa á instrucção publica primaria, teve as seguintes significativas expressões:

«Emquanto o problema do ensino primario se tratar, entre nós, á revelia do municipio (que o vitalizaria, creando em torno delle o indispensavel espirito publico) — á revelia da União, que o orientaria, coordenaria, e, sobretudo, nacionalizaria, — toda a solução que se lhe der será obra mal fundada e mal acabada, sem rendimento que compense o esforço dispendido».

O ensino unificado obedecerá a uma diretriz, como ensino preliminar, que o distinguirá do ensino secundario — prefixando-lhe um limite de conformidade com as regras de pedagogia; dotando-o com um só programma que consubstancie as mesmas materias, com a mesma extensão e durabilidade, pois é inaceitavel a asserção de que o ensino deve variar conforme o tempo e as circunstancias especiaes, a educação e a civilização do meio social em que é ministrado.

São estas, Sr. redactor, algumas das considerações que me despertou a grande idéa da Federalização do Ensino.

Com meus parabens, pelo justo entusiasmo com que tem sido acolhida a nova politica da instrucção primaria — pela intellectualidade brasileira; queira V. S. aceitar meus protestos, os mais sinceros, de alta estima.

CARLOS ROCHA BRANDÃO.

(1) Vide «A Escola Primaria», n. 3 do quinto anno, Abril de 1921, os artigos «A Federalização do Ensino» e «Um congresso opportuno», pags. 65 e 70.

Deposito de cereaes e sal — Especialidade em Fubás de Milho e Arroz, Cangica, Ararufa e Polvilho. Movidá por tracção electrica

CARVALHO LEME & C.

Telephone 799-Norte

48 RUA ACRE, 86

RIO DE JANEIRO

OS CANDIDATOS

a empregos no comercio devem saber escrever a machina, do contrario terão difficuldade em ser aceites. Matriculem-se na Escola Remington, Rua 7 de Setembro, 67

Uma nuga orthographcia que me serviu de passatempo

Quando, uma vez, ha uns tantos annos, lendo o interessante livro — *Varias historias* — do saudoso Machado de Assis, o grande mestre do puritanismo vernaculo, encontrei, a pgs. 5, um estranho *porque* interrogativo, seguido de um outro muito meu conhecido desde os alvares do meu desanalphabetismo, puz-me a matutar sobre o *porque* daquelle *por que*, do trecho:

«Camillo não acreditava em nada. *Por que*? Não poderia dizelo, não possuia um só argumento; limitava-se a negar tudo. E digo mal, *porque* negar é ainda affirmar...»

Seria erro do typographo, que fez de uma palavra duas?

Pulei algumas paginas e, na 66^a, esbarrei com outro *porque* desdobrado. Saltei ainda outras e, no interessante apoloogo da agulha e da linha, appareceram outros.

Ah! Já sei, reflecti commigo: é como si o mestre dissesse: *por que* causa, *por que* razão, *por que* motivo?

Mas, com os diabos! quando o substantivo a que o *que* se refere está claro, explicito, e vem antes ou depois delle é certo que o *porque* (= *por que*) é uma locução e equivale a *por qual* ou *pelo qual*, *por quaes* ou *pelos quaes*; quando, porém, isto não se dá, não sei *porque* se biparte o *porque*, contra o que preceitua a tradição, atravez dos seculos, ou contra o consenso unanime dos classicos, desde o periodo embryonario da lingua, periodo em que se escrevia assim:

«E veemdo o pastor sseu sse-nhor amidar tam triste, ouuc piedade d'ell, e preguntou-lhe *porque* andana com tanta tristura.» (*Selecta Classica de João Ribeiro*, pg. XXXII)

ou desde Bernadim Ribeiro (*Menina e Môça, texto segundo e edição de 1557*:

«Se vós vindes, ou sabeis de Binnarder *porque* me perguntais por elle?»

ou desde Sá de Miranda (Ultima scena dos *Estrangeiros*, de 1569):

«Mas, *porque* me não vingou eu d'este ruim de Callidio?

e mais abaixo:

«*Porque* te torces assi?»

ou desde Camões (*Lusiadas*, ed. Epiphany, segundo as de 1572):

Porque me deixas misera e mezquinha?
Porque de mi te vás, ó filho caro,

e na estrophe immediata (a 91.^a do conto IV):

«*Porque* his aventurar ao mar iroso
Essa vida que he minha e não he vossa?»

Pourquoi, em francez, equivale, como em portuguez, a *pour quel motif*, *pour quelle raison*, dizem os levicos; entretanto, é uma palavra só:

«On se fache sans savoir *pourquoi*.»

e é priedcipalmente interrogativo:

«*Pourquoi* vous en allez—vous?»

Porque, diz Candido Figueiredo (*Lições Práticas*, 3.^o vol.) é conjunção causal, e emprega-se, por exemplo, nos seguintes casos:

«*Porque* vieste tarde?
Estás triste e não sabes *porquê*.

Não vou, *porque* não quero.»

Porque, diz o Moraes, é «frase adverbial em que por ellipse faltam os nomes *causa*, *razão*», e accrescenta: «usa-se interrogando.»

Porque, diz o Aulete, equivale a «por causa ou por motivo de que» e significa «por qual motivo, *por que* razão» e o mesmo Aulete illustra esta significação com o exemplo de Garrett:

«*Porque* lhe chamam flor d'am or, não sei.

E o eminentissimo Garrett, que tinha a preocupação orthographica (provada ou documentada ás paginas 8 a 13 da 2.^a edição do seu livro «DA EDUCAÇÃO») deixou impressos este e outros *porques* equivalentes, formando um só vocabulo, como se pôde vêr a paginas 174 dos seus versos (ed. de 1856) em que vem aquelle exemplo, ou a paginas 164, em que elle assim verseja:

«E vergonha!... de *quê* vida?
Vergonha de ser querida,
Vergonha de ser feliz!
Porquê?... *porquê* em teu semblante
A pallida côr da amante
A minha ventura diz?»

Tambem tinha a preocupação orthographica, affirma Mario Barreto (*Factos da lingua portuguesa*, pg. 292) «o escrupuloso e exemplar Herculano, que procurava corrigir muitos desacertos da escripta do seu tempo.»

Pois bem; esse luzeiro das letras portuguezas, no seu sumptuoso EURICO (ed. de 1876) logo no majestoso proemio, emprega duas vezes o *porque* interrogativo, perfeitamente equivalente a *por que razão*, no seguinte trecho que, pela belleza da fôrma e do fundo, bem merece ser recordado:

«Dae ás paixões todo o ardor que poderdes, aos sentidos a maxima energia e convertei o mundo em paraíso, mas tirae d'elle a mulher, e o mundo será um ermo melancolico, os deleites serão apenas o preludio do tedio. Quem, ao menos uma vez, não creu na existencia dos anjos nos profundos vestigios dessa existencia impressos n'um coração de mulher? E *porque* não seria ella na escala da criação um anel da cadeia dos entes, presa, de um lado, á humanidade, pela fraqueza e pela morte e, do outro, aos espiritos puros, pelo amor e pelo mysterio? *Porque* não seria a mulher o intermedio entre o céu e a terra?»

Abro, ao accaço o 2.º volume das LENDAS E NARRATIVAS (ed. de 1859) a paginas 205, e lá encontro, como sempre:

«Ahi está *porque* você ainda não veio desobrigar-se.»

No MONGE DE CISTER, logo a pagina 13:

«Perguntei sem saber *porque*.»

Se o *porque* sem palavra clara a que se refira o *que*, como é o *porque* interrogativo ou o *porque* de expressões taes como esta do grande vernaculista o Padre Antonio Vieira em uma das suas famosas cartas (a de 23 de Fevereiro de 1665):

«Deos sabe o que faz, e *porque*, e para *que*.»

se taes *porques* devem ser bipartidos quaesquer outros tambem devem sel-o, pois não ha nenhum que não signifique *por a razão que* ou *pela razão que*. Parece-me a mim, até, que a estes *porques* é que assiste mais razão para serem desdobrados.

Com effeito, perguntar—*porque não vaes?*—equivale a perguntar—*Por que razão não vaes?*—Dizer—*não sei porque*—equivale a dizer—*não sei por que razão*.—Entretanto, dizer—*não vou, porque não quero*—equivale a—*não vou, por a razão que não quero*. Neste ultimo caso somos obrigados a separar o *por* do *que* para

intercalar as palavras *a razão* ou *a causa*, para que a phrase deixe de ser elliptica. Entretanto, nos dois primeiros casos o *porque* não precisa soffrer alteração alguma. Logo, o certo deveria, antes, ser: *Porque* andas? *Por que* vejo os outros andar.

Em conclusão: se, por um lado, o *porque* deve zer desdobrado por equivaler a *por que razão*, si, por outro lado, o *porque* deve tambem ser desdobrado por equivaler, como de facto equivale sempre, a *por a razão que*, risquemos dos lexicos da lingua portugueza o vocabulo *porque*, ou, a despeito da interpretação que se lhe dá, e que naturalmente sempre se lhe deu, e em homenagem á sua vontade plurisecular, conservemo-lo, dissyllado, tal como nos legaram as gerações passadas, desde a prisca idade da lingua.

O *porque*, synonymo de *para que*, tantas vezes encontrado nos *Lusiadas* e em quasi todas, serão todas, as obras classicas, esse já está fóra de uso ha algum tempo.

F. Cabrita

—)o(—

« A Escola Primaria »

Os nossos collegas d'O Cambuquira órgão da futura cidade mineira, publicaram, em seu numero de 9 de Outubro ultimo, a seguinte local, cujos conceitos muito nos desvanecem:

« A ESCOLA PRIMARIA »

Sob a direcção dos srs. drs. Alfredo Alvim e Raul Faria, nomes sobejamente conhecidos, publica-se no Rio *A Escola Primaria*, magnifico mensario dedicado ao desenvolvimento do ensino elementar, cujo ultimo numero nos foi gentilmente enviado pela sua illustre redacção. A instrucção primaria, entre nós, pela sua complexidade, reveste-se de aspectos que desafiam a attenção dos que se empenham em tornal-a efficiente num paiz em que pululam os programmas, mas nem sempre apparecem os resultados praticos desejados. Não havendo um centro orientador capaz de uniformizar o ensino primario, entregue aos cuidados das entidades federativas e de seus municipios, um órgão de publicidade periodica, como

A Escola Primaria, que deve ser largamente divulgada, póde preencher essa lacuna, incentivando o ensino e colligindo todos os esforços para a unidade de vistas necessaria á solução desse problema de grande alcance social, que se objectiva na luta contra o analphabetismo.

Essa obra de centralização do ensino, que seria obtida pela singularidade de methodos e identidade de seriação dos cursos, *A Escola Primaria* está apparelhada a realizar, embóra lentamente e com sacrificios, porque possui o essencial para isso: um largo programma de disseminação do ensino e uma segura orientação pedagogica.

Bibliographia

Recebemos a «Liga Maritima», n. 172 do anno XV, correspondente a Outubro de 1921, o qual traz o seguinte sumario: Uma missão estrangeira para a nossa marinha. Situação da Marinha. O couraçado «Minas Geraes»—O seu regresso ao Brasil, depois da remodelação porque passou. Mexico—Protecção á marinha mercante. Marinha de guerra norte-americana. Arrendamento do edificio da enseada Baptista das Neves. O desarmamento da Allemanha e valor dos navios já entregues durante o mez findo aos aliados. A Lepra no Brasil. Generosa subscrição a bordo do couraçado «Minas Geraes» em Nova York. Um invento brasileiro. Transformação da Imprensa Naval em uma simples officina para cartas nauticas. O ex-«Vaterland», um dos maiores navios da Allemanha hoje pertencente á Norte-America. Um gigantesco projecto de utilização das marés. Ainda os Pilotos do Pará. Os nossos ex-allemaes. A cerimonia do desaggravo da Bandeira Argentina na Allemanha. O Aeroplano e a Guerra Naval. Crise maritima nos paizes scandinavos. A collisão entre o «Rowam», «Clan Malcolm» e «West Camak». Um grande melhoramento para os navegantes. Um projecto instituindo um conselho de justificação para os officiaes do Exercito ou da Armada. Revista da Liga Maritima Brasileira. O impulso que os Estados Unidos têm dado á marinha do mundo. Dr. Joaquim Pedro Salgado Filho. O enterramento do corpo do commandante Azevedo Marques. Commandante Simonard. O armistício da grande guerra. Confe-

rencia sobre o desarmamento universal. Noticiario e Livros, Revistas e Jornaes.

Correspondencia

M. A. — A sua consulta sobre o padrão legal do systema monetario brasileiro está completamente respondida em nosso numero de Julho, a proposito de consulta feita sob as iniciaes E. G. e M. O.

P. G. — Area e superficie não são synonymos; area é o numero que traduz a medida da extensão da superficie.

C. A. — Em um estuario pode formar-se um delta: é o que se dá no estuario do Amazonas, onde se encontram formações deltoides.

EXPEDIENTE

«A Escola primaria» circulou em todo o Brasil.

Os pedidos de assignaturas devem vir acompanhados da respectiva importancia e endereçados á

Redacção da «Escola Primaria»
Rua Sete de Setembro, 174—1º andar.

As colleções dos annos anteriores, de 1916-1917, 1917-1918, 1918-1919 e 1920-1921, são vendidas na mesma redacção ao preço de 15\$000 cada anno, em avulsos, e 18\$000, em volumes encadernados. Os pedidos de colleções, pelo correio, deverão vir acompanhados da respectiva importancia e de mais 1\$000 por colleção annual, para o registro postal.

Os numeros avulsos dos annos de 1916, 1917, 1918, 1919 e 1920 serão vendidos na redacção, pelo preço de 1\$500 exemplar.

Os pedidos de numeros avulsos, pelo correio, deverão vir acompanhados da respectiva importancia e mais o valor dos sellos para expedição, á razão de 10 réis por exemplar.

Aos professores primarios que tomarem desde já a assignatura do anno de 1922-1923 d'«A Escola Primaria» offerecemos, a titulo de bonificação, um abatimento de 50% nos numeros 10, 11 e 12 (Novembro, Dezembro e Janeiro), que faltam para completar o 5º anno da revista.

Para esse fim, deverão os srs. professores remetter-nos, além da importancia de 9\$000, correspondente á assignatura do anno, mais 2\$000 pelos quatro numeros avulsos.

Pedimos aos nossos assignantes o obsequio de nos enviarem, por escripto, tanto as communições de mudanças de endereço, como quaesquer reclamações relativas á remessa da revista.

Os Snrs. assignantes, annunciantes e quaesquer pessoas que tenham negocios a tratar com a administração desta revista poderão procurar o gerente na redacção, das 15 ás 17 horas, nos dias uteis.

II-A ESCOLA

A lingua portugueza nas escolas primarias

Com o titulo supra publicou o laureado professor Julio Nogueira, em o numero de Agosto desta revista, interessante artigo.

«Ao ensino primario da lingua, diz elle, não chegou ainda o influxo benefico da philologia moderna. A criança tem de aprender na aula primaria lições falsas para reformal-as mais tarde, quando estiver sob a direcção de professores secundarios.»

Depois de curta lição sobre o verbo *dizer*, refere-se o illustre docente aos «grammaticographos» que ensinam «disparates» repetidos por alumnos que se apresentam a exame no collegio Pedro II.

Ahi o illustrado mestre esqueceu-se que os grammaticographos e os professores de examinandas da lingua portugueza não são professores e sim seus collegas, professores secundarios.

Foram tambem professores secundarios, entre os quaes figura o reputado philologo Dr. Alfredo Gomes, os mestres de portuguez dos actuaes professores primarios, na sua quasi totalidade diplomados pela nossa Escola Normal.

«Oxalá, conclue o emerito professor, que possam os futuros grammaticos quebrar esses moldes tortuosos, enfrentando o ensino primario da lingua sem contradicção com os factos della, certos de que noções falsas só poderão trazer maus resultados.»

«No numero dessas noções, affirma o illustre mestre, a que excede a todos os limites da tolerancia è a cerebrina explicação das combinações *no, neste, num*, etc. No tempo em que a grammatica—continúa elle—era privilegio de poucos, alguém teve a fantasia de analysar estas combinações e, desconhecendo a historia da lingua, foi ao celloiro das taes figuras de dicção, velharias que se reproduzem nas grammaticas (segundo diz o autor em outro paragrapho do seu artigo) e, examinando a capacidade de cada uma, meditou como poderia passar de *em o, em este*, etc., para *no, neste*, etc. A cousa não era facil. O *e* decapitava-se summariamente por *apherese*, mas restava *om* por *n*. Neste ponto occorreu a idéa genial da *antithese*, figu-

ra de troca, e era uma vez um *m* por *n*, ninguem sabe por que (sic). Esse dislate, continúa o professor Nogueira, vem resistindo com uma bravura imperterrita. Ha muito insistimos nós, professores secundarios em dar a verdadeira lição, a saber: simples agglutinação (não contração) da antiga fórma da preposição (*en não em*) ao artigo, ao demonstrativo, etc. (*eno, eneste*) e posteriormente o phenomeno (não a figura) de *apherese*, isto é, perda de elementos no começo do vocabulo. E, quando pensamos que tudo isso está generalizado por uma semente abundante e que já data de muitos annos, lá surge de onde em onde essa chimica estapafurdia da *apherese* e da *antithese*, uma supprimindo, outra trocando de fórma que da mallograda preposição nada mais resta.»

Com a devida reverencia e acatamento de quem, muito a seu pezar, não priva com os philologos modernos, mas compraz-se em meditar sobre o que se refere ao uso pratico da nossa bella lingua, parece-me que não foi feliz o illustrado mestre no exemplo acima transcrito ou, pelo menos, nos commentarios acres que adduziu.

No «dislate» ou na «cerebrina explicação» o *e* da preposição decapita-se summariamente por *apherese*; na «lição dos professores secundarios», posteriormente á agglutinação, dá-se o phenomeno (não a figura) de *apherese*. A «chimica estapafurdia», pelo menos, de *apherese*, é pois, imprescindivel para explicar o phenomeno, digo eu.

Que phenomeno, perguntar-me-ão?

O da agglutinação? O da transformação do *en o* em *no*? O da decapitação? O da *apherese*?

Tudo é phenomeno, especialmente no dominio scientifico. Phenomeno é palavra de significação muito lata, indeterminada; não póde, pois, substituir a tradicional denominação de *figuras*, por muito respeitavel que seja a parte desse chrisma e por muito errado que tenham andado os nossos avoengos, desde João de Barros, em sua grammatica de 1539.

Não ha duvida que podemos, com justeza, dizer: o phenomeno da *apherese*; mas, a classe dos phenomenos a que pertence a *apherese* tem o nome antiquissimo de *figuras* ou, si se quizer, o de *metaplasmos*, quer se réalizem taes phe-

nomenos na passagem do vocabulo latino para o vocabulo portuguez, quer se verifiquem no seio do proprio vernaculo.

Affirma o illustre mestre que o elemento que entra nas combinações *no, neste, num*, etc., é a preposição antiga *en* e não *em*. Mas, não é tão antiga uma quanto a outra? Não são ambas, até, contemporaneas, pelo menos, de *no* e de *noutro*!

Sim. E' o que demonstram documentos da prisca edade da lingua. Si não, vejamos.

Abramos, em primeiro lugar, o excellente e erudito manual do proprio professor Julio Nogueira, intitulado *O Exame de Portuguez*, pgs. 257 a 259, e lá encontramos *quatro* vezes a preposição *em* (com *m*), *uma* vez a chamada combinação *noutro* e *duas* a intitulada combinação *no*, em breves exemplos das vetustissimas *cantigas de amor* de D. Diniz (1279-1325); tudo, com a graphia característica do periodo inicial da formação da lingua. O que quer dizer que, por fas ou por nefas, taes combinações já estavam engendradas e em uso corrente com a preposição *em* (com *m*). E, si não são gêmeas, creio não ser facil distinguir a primogenita.

Abramos agora a *Selecta Classica* de João Ribeiro, a pgs. XXIX da introdução e na *Lenda do rei Leir* (do seculo XIV), que assim começa

Quando foi morto rrey Balduc, o voador rreynou seu filho que ouue nome Leyr...

encontramos:

nom auia cousa *no* mundo que...
nom lhe quis dar parte *no* rreyno...
E depois seu padre della *em* sá velhiçe...
e morreu *em* seu poder
e meteromna *em* huum carçer.

Essa orthographia é exactamente a mesma que se encontra no trecho da *Anthologia* annexa á *Historia da literatura portugueza* de Mendes dos Remedios, que teve o cuidado de, em todas as reproducções, seguir fielmente a orthographia dos respectivos autores, segundo a nota exarada a pg. 3 da 4.^a edição. Lá estão o *no* e o *em* figurando em um dos mais antigos documentos do periodo archaico, medioevo.

Na *Dama-Pé-de-Cabra*, que se segue á lenda do Rei Leir, e que o erudito Herculano tornou celebre, com o sub-titulo de *Rimance de um Jogral* em uma

das suas encantadoras *Lendas e Narrativas*, encontram-se:

em cyma de huuma pena
lançou mão *na* filha e *no* filho

Na *Carta de Partilhas*, documento do seculo XII (1192) muito mais velha ainda do que os anteriores, inserto na referida *Selecta Classica*, a pgs. XXVIII, acham-se exparsos os exemplos:

en todolos us herdamentus
na Onrra Dulveira e *no* Padriadigo
en *noutro* casal *en* Agiar
nos herdamentos de Centegaus
nas tres quartas do Padriadigo
noutro herdamento

Só com a *Selecta* e com a *Anthologia* citadas poderíamos multiplicar os exemplos que provam serem bem coetaneas as preposições *em, en* e as variantes *no, na, nos, nas, noutro*, e até, *en noutro*, sendo, aliás, a fórma *em* (com *m*) a mais encontradiça.

Essa variante *en noutro*, bem como *em no, em na* e seus pluraes encontro na *Selecta Classica*, appensa ao curioso e adiantado manual «*O meu idioma*» de Othoniel Motta.

Abramos a pg. 101; lá está:

em *na* praça muy ancha

Viremos a pg., e logo na primeira linha:

em *nas* minhas mãos

E na pg. seguinte:

Em *no* reino de Purtugall
em *no* seu coração
em *na* capella

Estes exemplos repetem-se por toda a pg. 104 e a pgs. 120 a 125, nestas, porém, com a tal antiga preposição *en*, e isso no seculo XV, ás portas do periodo classico da lingua.:

Em *no* qual regno
en *no* ventre original.

Parece-me, pois, darem elles ganho de causa á doutrina do velho Moraes, doutrina que tem a vantagem de não usar da celebre chimica estapafurdia.

No *Epitome da Grammatica Portugueza* que precede ao seu famoso *Diccionario* diz elle em nota a pgs. XXVII (4.^a edição de 1831):

«*Em* não se muda em *n*; mas cála-se antes do artigo, e a este ajunta-se *n* por eufonia; os antigos dicerão *em no tempo, em no eu vendo, em nhas assenhas* (*Foral de Tomar* de 1162. traduc.) porque escreviam *ho, ha* artigo»

E das *Ordenações Affonsinas* (1446) cita os exemplos:

Dá poder aos judios sobre os christãos *em nas* suas ovensas pruvicas : *em nas* possissões : *em no* termo : *reduzir em na* servidom'.

No vocabulo *No*, Moraes é mais explicito. Diz :

«*No*: o artigo *o* por eufonia precedido do *n*: v. g. *não no* via, por *não o* via. Quando se cala a preposição *em*, que deve vir: v. g. *em no* anno; abreviado: *no* anno; não porque *em* se muda a *n*, mas porque se emite a preposição, e fica um *n*, que se entremettia por eufonia, a evitar o hiato da nasal *em* com o artigo, como em *buscarem-no*, *dizerem-no*, etc.

«Quando dizemos *no mundo*, *na guerra*, *nos campos*, *nas ruas* — ensina tambem o doulissimo Carneiro Ribeiro nos seus eruditos e alentados «*Serões Grammaticaes*» — a preposição *em* deve considerar-se elliptica e o *n* que precede em taes casos é, o que sempre foi em porportuguez, uma letra meramente euphonica.»

Notemos que o emprego do *n* euphonico em *buscarem-no* (—*buscarem-o*) é tão antigo quanto já provamos serem as fórmulas *em en*, *no*, *em no*, *noutro*, *em noutro* etc.

Com effeito, já citemos o exemplo, encontrado na *Lenda do Rei Leir* :

e meteromna em huum carçer

A pgs. 104 d'*O meu idioma*, temos estoutro :

nom *na* atormentou o diabo

E na pg. immediata *in-fine* :

nom *na* pôde pilhar
eran mui bõos e defenderam-na ben

Não me parece, pois, a mim, tão verdadeira a doutrina dos professores secundarios :

1.º Porque não se sabe bem qual a mais velha : *em* ou *en* ;

2.º Porque *em* ou *en* são tão velhas quanto *no*, *noutro*, etc. ;

3.º Porque concordo ser no caso estapafurdia a *apherese* usada, quer pelos professores primarios, quer pelos secundarios ;

4.º Porque no meio de tanta velharia, lá, no recondito periodo provençal, em bryonario, archaico, medieval ou ante-clasico da lingua e no meio de uma cacographia inacreditavel encontro tambem, até no seculo XV, *em no* ou mesmo *en no* e suas variantes, com o apropositado emprego, sem duvida espontaneo, do *n* euphonico, e, conseguintemente, é muito mais natural a explicação :

Antigamente, ha uns cinco ou seis seculos, dizia-se, como ainda hoje se diz, *em a*, *em o*, etc. ; mas, por euphonia, tambem se dizia *em no*, *em na*, etc., ou, simplesmente, *no*, *na*, etc., como até hoje tambem se diz.

Outubro, 22, de 1921.

F. Cabrita

COLLEGIO PAULA FREITAS

Rua Haddock Lobo, 345 — RIO DE JANEIRO

INTERNATO — SEMI-INTERNATO — EXTERNATO

CURSOS de adaptação, primario, propedeutico, secundario (de preparatorios e admissão ás escolas superiores e commercial).

AULAS ESPECIAES de tachygraphia e de mathematica para admissão ás escolas Naval, Guerra e Polytechnica.

AULAS PRATICAS de physica e chimica e historia natural, nos gabinetes e laboratorios do collegio.

Instrucção Physica e Militar, Moral e Civica. Ensino da Religião Catholica (facultativo).

REGIMEM: diario de classe, boletim diario, médias e concursos mensaes, exames parciais e cóta de anno, que influem no julgamento de exame de sufficiencia ou final.

MATRICULAS — Continuam abertas. — Estão funcionando todas as aulas.

M. PAULA FREITAS, director.

ESCOLA NORMAL

Instrucção moral e civica

Resumo de aula. III Ponto (continuação) ... a preguiça, a soberba e a vaidade, sua influencia social.

Não é o trabalho uma pena que deve cumprir o homem, emquanto dura a sua peregrinação terrestre, é, antes, uma indeclinavel obrigação de quem vive na sociedade e della recebe a maior somma de proventos de varias especies.

Quem não trabalha, sentenciava o grande apostolo São Panlo, não é digno da amizade de gente honesta ; pois, o trabalho, além de fortalecer o organismo do homem e de avigorar-lhe o caracter, offerece-lhe, ainda, os meios de fugir da penuria e de defender-se de qualquer surpresa da adversidade. O homem que se acostuma a trabalhar cedo adquire excellentes habitos, que o habilitam a viver com relativa tranquilidade em qualquer região do globo terrestre ; assim, o individuo laborioso nunca rejeita a mais penosa tarefa e sabe, outrosim, vencer as difficuldades que apparecerem ante seus olhos, por isso que confia no seu esforço e não dissipa o tempo em discussões esteries ou recreios condemnaveis.

E aquelle que trabalha, desde os primeiros annos da sua adolescencia, torna-se methodico, nos seus actos e nas suas maneiras, e vae aprendendo a dirigir a sua pessoa e a distribuir as horas, de sorte que, sempre, terá o tempo sufficiente para desempenhar as suas obrigações e distrair o seu espirito.

Factor da prosperidade nacional, que carece da conjugação dos esforços dos seus filhos, o trabalho nobilita o homem, tornando-o um valioso esteio da sociedade que ha muito, extinguiu a nefanda instituição da escravidão, garantindo ao homem o direito de escolher qualquer genero de trabalho.

«*La travail, aux hommes necessaire, Fait leur felicité, plutôt que le misere.*

BOILEAU.

O trabalho preserva, tambem, o homem daquelles vicios que enfraquecem a vontade, tornando-o um manso servo daquellas paixões, que desvairam e inutilizam robustas intelligencias e sadios or-

ganismos ; pois, ao cerebro do preguiçoso só acodem idéas condemnaveis e planos tenebrosos, uma vez que elle se acostumou a detestar o trabalho e a viver nos centros de perversão.

A preguiça é, portanto, aquelle defeito—hoje estudado pela medicina como uma molestia, perfeitamente curavel—que arrasta a homem a fugir do trabalho honesto e a desperdiçar o tempo—que o americano considera mais precioso que o dinheiro, o qual pode ser readquirido—em recreio prejudiciaes á saude physica e moral.

O preguiçoso é um ser nocivo á sociedade, da qual só deseja alcançar os meios para satisfazer os seus caprichos pequeninos ; jamais reservará elle um instante da sua actividade, já absorvida completamente pelos prazeres dos centros que frequenta, em beneficio da sociedade onde vive.

E' a ociosidade a que se entregam elles uma fonte perenne de amargos dissabores sociaes ; pois, não cuidam de educar o seu espirito, nem de contribuir para o bem-estar da sua terra ; anceiam, apenas, pela realização de sonhos espurios e de doudas fantazias.

A preguiça, que destroe as nossas melhores virtudes, tornando-nos indifferentes e incapazes de qualquer reacção em favor de uma idéa salutar, é o melhor alimento do pauperismo, da vadiagem, da criminalidade adulta e primaria—males que affligem, bastante, as sociedades organizadas, retardando-lhes o desenvolvimento. Derivaram-n'a da união do somno e da noite os povos da Grecia antiga, acrescentando, ainda, que, Jupiter, instado por Vulcano, cujos segredos ella escutára, a transformára numa tartaruga. Um moralista inglez, o conde de Oxentiern, descreve-a nas seguintes linhas : «é uma mulher que tem a physionomia serena e caminha lentamente, envolta num vestido de teia de aranha, auxiliada pelo somno e acompanhada pela fome e pelas miserias, permanecendo a primavera da vida num leito de repouso, e no outono num catre de hospital.»

Na verdade, o preguiçoso não sabe aproveitar a sua mocidade, dissipando-a em diversões perniciosas, de modo que

a sua velhice é sempre dolorosa ; o preguiçoso é imprevidente, porque não cuida do dia de amanhã, em se deixando dominar pela indolencia, que produz males tão nocivos como as grandes epidemias, que assolam cidades adeantadas.

Voltaire costumava dizer que o desaparecimento do modesto operario é tão lamentavel como a morte do mais esclarecido politico, porque, ambos eram uteis á sociedade em que residiam, uma vez que cada qual applicava a sua actividade em prol do engrandecimento da quella terra.

O trabalhador honesto póde ser infeliz nas suas emprezas, mas será sempre auxiliado e olhado com apreço pelos seus compatriotas ; delle não se fugirá com desprezo, emquanto que o preguiçoso é sempre apontado com ridiculo e mofa, e assemelhado ás parasitas, que sugam a seiva das arvores e nenhum auxilio lhes prestam.

E' o trabalho um dos comesinhos deveres do homem, que se precisa tornar util á sociedade e a si proprio, afim de não importunar os seus semelhantes com reiteradas solicitações, e não aggravar, outrosim, as despezas publicas com o custeio de reformatórios para os vadios e desoccupados ; logo, a preguiça, que estraga a saúde physica, semêa de máos pensamentos a imaginação e induz o homem a commetter acções feias, precisa de ser combatida com criterio, uma vez que mui deploraveis são as suas consequencias.

O homem altivo é aquelle que se não deixa, jamais, humilhar, nem injuriar por alguém, em se conduzindo sempre, no seio da sua familia e na vida publica, com uma compostura que o torna merecedor do respeito dos seus concidadãos ; o homem altivo não sabe mentir á sua consciencia ; as suas opiniões, os seus conselhos, os seus conceitos, são, sempre, inspirados nos preceitos da lealdade christã. Não serve para corteção, porque não sabe lisonjear, nem abdica das suas idéas para se mostrar dedicado aos poderosos ; sabe, apenas, dizer a verdade, sem ambages e rodeios, sem se preoccupar do modo por que será ella acolhida nos salões dos grandes ; não sabe correr atrás da opinião publica, nem, nem perseguir os fracos, defendendo-os, antes, da colera dos depositarios autoridade publica.

Conta-se que Napoleão, cujo orgulho não conhecia limites, costumava, no entanto, desprezar aquelles que o apoiavam incondicionalmente, appellidando-os de homens incompletos : realmente, ao homem, que é chamado a emitir a sua opinião acerca de qualquer problema, não assiste o direito de apoiar, em detrimento do seu modo de pensar, o pensamento dos mais influentes.

Mas, o que se não admite é o homem suberbo, que se julga superior aos seus semelhantes e não lhes dispensa attenção ; não, o homem, por mais elevada que seja a sua posição social, por mais avultada que seja a sua fortuna, por mais fulgurante que seja a sua intelligencia, não se deve considerar superior ao seu proximo, nem, tampouco, exhibir as suas qualidades, ostentar os seus haveres, para amesquinhar. O homem modesto tem entrada nos palacios dos abastados e nos tugurios dos necessitados ; todos que o conhecem são unanimes em apreciar e louvar a sua virtude, apontando-o como um exemplo digno de imitação. Attributo inherente ao verdadeiro merito, por isso que o homem de real valor não precisa de blasonar e seu saber, para que o admirem os seus contemporaneos ; é a modestia a grande virtude, que jamais deixa de brilhar, fulgurando, sempre, com igual intensidade.

March Tuvain, um humorista americano, comparava os fatuos, que falam muito de si e deprimem os outros, ás gallinhas, que fazem grande barulho logo que poem o ovo... suppondo-o uma coisa extraordinaria.

Ha, na Imitação de Cristo, o mais bello livro escripto da mão do homem, depois do Evangelho (Lamartine) uns admiraveis conceitos, que abaixo transcrevo, sobre a humildade.

«Se queres utilmente saber alguma cousa e aprender, prefiras não ser conhecido, a ser estimado por nada ; se vires alguem peccar publicamente, e mesmo commetter peccado grave, nem por isso te has de ter por melhor que elle, pois não sabes quanto tempo perseverás no bem.»

Tambem, se reprova a humildade fingida, que constitue um grave peccado ; porque o hypocrita profere phrases, que não são sinceras, assume attitudes que não inspiram confiança, e conduz-se de modo a merecer a estima dos seus com-

patriotas, sem denunciar, comtudo, as indignidades que, occultamente, pratica, e a serie de ambições bastardas que lhe tortura a imaginação. Os hypocritas obedecem ao lemma de Tartufo - personagem idéada por Molière :

*«Le scandale du monde est ce qui fait l'offense,
Et ce n'est pas pécher que pécher en silence.»*

O *conhece-te a ti mesmo*—predilecta maxima de Socrates, que estava gravada em letras de ouro no portico do templo de Delphos, é, talvez, a melhor critica que compoz a philosophia grega para ridicularizar os orgulhosos, que desdenham de tudo e de todos, menoscabando os meritos alheios, amesquinhando a producção do seu proximo, tão só para exaltar os seus predicados.

O orgulhoso é um ser que não sabe formar amizades solidas ; não sabe inspirar dedicações, nem observar os preceitos da polidez.

O orgulho é incapaz de praticar actos de generosidade, porque não sabe acolher com meiguice aquelles que precisam da sua experiencia ou de qualquer auxilio pecuniario ; tampouco, sabe ser urbano e affavel para com os humildes, pois julga-se diminuido quando lhes dirige a palavra.

Orgulho humano, ou que és tu ? estúpido, ridiculo, ou feroz ? perguntava

Alexandre Herculano, o grande vulto da literatura portugueza, aos alfacinhas que, á mingua do cortejo de adoradores, enumeravam os seus predicados e elogiavam os seus trabalhos. Não, o homem que tem consciencia do seu valor e consegue occupar, no seu paiz, uma grande posição social, não tem o direito de maltratar aquelles que lhe são inferiores em talento e conhecimentos e exercem postos insignificantes ; o orgulho é um gravissimo defeito, que apouca, incontestavelmente, os meritos e serviços de qualquer cidadão, o qual não encontra justificativa para acastellar-se no orgulho e menosprezar, em seguida, os seus semelhantes.

O orgulho e a preguiça são causas directas de graves dissensões sociaes ; além disso, enfraquecem os vinculos da solidariedade social, porque o orgulhoso e o preguiçoso não se compadecem dos soffrimentos alheios e não reservam uma insignificante quota para minorar os padecimentos dos que gemem, abandonados, no catre de um hospital.

Não praticam a caridade, não se preocupam com os que não encontram allivios para os seus males e com aquelles que estão num plano de inferioridade social : são uns egolatrás, que cuidam do seu eu e não pensam na vida futura.

ALFREDO BALTHAZAR DA SILVEIRA.

(Continúa).

O HOTEL "ELITE" DE CAMBUQUIRA é um estabelecimento dos melhores no genero.

Edificio novo, especialmente construido para esse fim, dispõe de todas as installações para proporcionar aos seus hospedes o maximo de conforto. Propriedade de JULIO LEMOS

Chocolate e Café Só ANDALUZA
FABRICA — RUA DOS ANDRADAS, 23 — RIO DE JANEIRO

OSCAR MACHADO

Joalheiro



Teleph. n. 2367
Endereço Telegraphico
AGEMO-RIO

Rua do Ouvidor, 101 e 103 (canto da rua Sachet) — Rio de Janeiro

III - LIÇÕES E EXERCÍCIOS

HISTORIA — 2º e 3º annos — Descobrimto do Brasil e sua colonização. As tres raças povoadoras

Escreva a mestra, no quadro negro, a data *3 de Maio* e indague dos alumnos si sabem que esse dia do anno é de *ferias*, isto é, dia em que não ha trabalho. Diga que é um *feriado Nacional*, o que quer dizer — feriado em todo o Brasil.

Isso significa que se passou nessa data um facto muito importante para todos os Brasileiros e esse acontecimento notavel, que se commemora a 3 de Maio, é, como todos já sabem, o do *descobrimto* do Brasil, da nossa terra amada.

Nesse ponto, informe a mestra que esta terra existia aqui, mas desconhecida, ignorada da gente da Europa, da gente civilizada.

Tome um planispherio e mostre ás crianças as regiões habitadas por povos de civilização adiantada; Portugal, Hespanha, Italia, etc; as regiões de civilizações quasi desconhecidas, cheias de lendas e de riquezas: — as Indias; finalmente, as regiões habitadas por selvagens, homens quasi primitivos: grande parte da Africa, a America, regiões só conhecidas pelos povos europeus após as grandes navegações do seculo XV.

Diga que os Portuguezes, navegadores intrepidos, encaminhados pelo principe D. Henrique, irmão do rei, foram conquistando para Portugal as terras africanas, emquanto os navegadores hespanhões tiravam do desconhecido as regiões americanas; e que, tendo, finalmente, attingido as longinquas regiões asiaticas, havia tanto tempo buscadas, prepararam os Portuguezes, em 1500, uma grande esquadra destinada ás Indias e com fins commerciaes, esquadra entregue ao commando do almirante Pedro Alvares Cabral.

Descreva os navios da época—as caravelas—e os preparativos da partida da grande frota de Cabral: em principios de Março de 1500, na capella de Belém,

Cabral, ao lado do rei, assiste á missa; a multidão na praia; benze-se a bandeira com a cruz de Christo, sob a qual se fazem as grandes navegações; e ás caravelas deixam o Tejo e vão pelo grande Oceano—o Atlantico; chegam ás ilhas do Cabo Verde; e é, então, que Cabral, em obediencia ás instrucções recebidas, fuge, ás calmarias e ás febres da costa africana, afastando-se para o Occidente, talvez a prever o encontro de terras para esse lado, pois, da existencia dellas já se não duvidava. Fale a mestra nas *correntes oceanicas*, verdadeiros rios no meio dos mares, e diga que se suppõe haver a corrente oceanica que passa junto ás nossas praias arrastado os navios de Cabral para muito longe da Africa, para as terras desconhecidas da America.

Conte como na manhã de de 22 de Abril — numa terça-feira da Paschoa — notam-se signaes de terra ao *poente*; os navios approximam-se; já se avista um morro — o Monte Paschoal. Os navios approximam-se mais da terra, cheia de praias de areia lindissimas e de morros cobertos de verde vegetação. Nas praias, de entre as mattas, surgem homens cõr de cobre, nús ou quasi; são selvagens enfeitados de pennas, com arcos e flexas nas mãos, que, admirados, acodem a ver os navios dos homens brancos.

Os Portuguezes falam-lhes e elles não entendem; pedem por gestos, que deponham as armas no chão e elles obedecem. Os europeus desembarcam, offerecem-lhes presentes e elles já se mostram menos desconfiados, chegam a ir a bordo das náos onde, são bem tratados.

Fale na bahia a que aportou Cabral — Porto Seguro — hoje bahia Cabralia, no territorio da Bahia. Refira-se ás missas celebradas por Frei Henrique de Coimbra, a primeira no ilhéu da Corõa Vermelha e a outra, a 1º de Maio, em terra do continente, num altar armado

junto á grande cruz, feita de madeiro arrancado ás nossas mattos.

Lembre a attitude respeitosa dos selvagens; alguns trepados ás arvores; outros, silenciosos, procurando imitar os movimentos dos Portuguezes.

Diga que o celebre quadro do nosso pintor Victor Meirelles reproduz a ultima missa, isto é, a primeira *missa no continente*, scena interessante reconstituída pelo artista e muito reproduzida, até em cédulas pôde ser vista. (Deve a mestra mostrar gravuras — as caravelas — os selvagens, a 1ª missa, etc.)

Diga, finalmente, como Cabral tomou posse da terra descoberta para a corõa de Portugal — o marco assignalando a sua passagem por estas paragens — e fale na volta de uma das náos, a Portugal, levando a el-rei D. Manoel a noticia do descobrimto relatado pelo escrivão de bordo Pero Vaz de Caminha, emquanto Cabral seguia ao seu destino.

Terminada a lição, pergunte quando avistou Cabral as terras do Brasil e, obtida a resposta — 22 de Abril de 1500 — escreva essa data no quadro negro, por baixo da data de 3 de Maio. Diga que já vê os alumnos, admirados, indagando a causa da discordancia entre a data do acontecimento e a da commemoração.

Fale sobre o sentimento religioso dos Portuguezes, navegando sob a protecção da Cruz, symbolo que se venera a 3 de Maio; no nome de Ilha de Vera Cruz, mandado para o de Terra de Santa Cruz, e mostre como se tomou o habito (conservado até os nossos dias) de festejar o facto, occorrido em vespervas do dia de Santa Cruz, como si se tivesse dado no proprio dia 3 de Maio. Diga que tambem contribuiu para essa troca de datas o facto de affirmarem os nossos avós que, estando atrazadas as folhinhas dessa época, o dia 22 de Abril corresponde exactamente ao 3 de Maio, consagrado á Santa Cruz.

O facto principal é que, para festejar a descoberta do Brasil, occorrida a 22 de Abril de 1500, os nossos antepassados fizeram feriado o 3 de Maio e conservamo-nos fieis á sua vontade, por tradição.

Descreva a alegria de D. Manoel ao

saber da descoberta e fale na pressa com procurou ter mais amplas informações mandando logo expedições exploradoras á terra de Santa Cruz. Mostre a impossibilidade material do reino em colonizar o territorio extensissimo e virgem — razão do seu abandono durante longos trinta annos aproveitados pelos estrangeiros para o carregamento do *pao brasil*, madeira cõr de brasa e tão abundante que a terra ficou conhecida por *terra do pau brasil*, de onde o seu nome actual.

Fale a mestra rapidamente nas tentativas de colonizações: a do governo — fundando feitorias das quaes só subsistiu uma, a de S. Vicente; a das capitãcias, povoações fundadas por particulares e das quaes poucas progrediram.

Refira-se ao ataque dos selvagens, ao dos aventureiros estrangeiros, ás difficuldades do trato aos terrenos virgens, á falta de recursos e de braços para o trabalho.

Mostre como os colonos portuguezes, valentes, audazes, mas rudes e gananciosos, pretenderam resolver o problema da falta de trabalhadores escravizando os selvagens. A resistencia destes e a protecção que lhes deram os jesuitas impedem que se firme a escravidão vermelha.

Voltam-se os Portuguezes para a Africa, cujas populações, pacificas e humildes, se sujeitam ao captivo facilmente; milhares de negros são trazidos para o Brasil, onde se sujeitam aos mais duros trabalhos durante tres centenares de annos.

Aos esforços e trabalhos dessas tres raças — a *Americana*, ou indigena, a *branca*, representada pelos colonizadores, os Portuguezes, e a *preta*, trazida da Africa, devemos a nossa formação de povo civilizados; da fusão desses typos ethnicos, tão differentes entre si, originou-se o *povo brasileiro*, cujos caracteristicos lembram fortemente as suas origens — altivo e independente, como o selvicola; valente, idealista e nobre, como o luzitano; affectivo e docil, como o africano.

Lições de Arithmetica

CURSO ELEMENTAR

Vimos na ultima lição como recapitular, desenvolvendo um tanto, os conhecimentos relativos á numeração ; passemos agora a trabalho analogo quanto ás tres primeiras operações arithmeticas e dêmos inicio á divisão.

Parecerá, talvez, um tanto morosa a marcha do ensino nesta phase do curso elementar : trata-se, porém, de estabelecer e firmar bases para estudos posteriores, que serão assim facilitados e rapidamente assimilados ; por outro lado, o ponto de vista em que nos collocamos é o das nossas escolas primarias com suas classes, de 30 alumnos de diferentes grãos de intelligencia e de assiduidade nem sempre regular ; toda a vez que se tenha de lidar com crianças de intelligencia acima do vulgar ou quando se trate de ensino individual, será sempre possível e necessario mesmo imprimir maior rapidez no curso, para que não chegue a repetição a entediar as crianças.

Tomemos uma questão concreta relativa á somma de numeros compostos, onde haja reservas a transportar para algumas ordens. Por exemplo : Esteve aqui, hoje, o Snr. Inspector, que me disse estar muito satisfeito com a grande matricula das escolas sob sua inspecção. Ha, só nas classes maternas, que se abriram este anno, 182 meninos e 147 meninas ; e nos cursos propriamente primarios, 1867 meninas e 1653 meninos, apesar de estarmos ainda no começo do anno lectivo. Eu desejaria saber ao todo, por junto, quantas crianças já estão inscriptas nas escolas deste districto. Quem me póde satisfazer ?

Os conhecimentos anteriores obrigam a classe a saber que se trata de uma somma, de modo que é natural apresentarem-se varios alumnos a resolver o problema. O professor escolherá um, dando sempre o motivo da preferencia : venha F., que ainda não está bem pratico em escrever no quadro... ou N., que ainda hontem errou numa somma, etc. Fará escrever os dados, obrigando-o a um ligeiro raciocinio, como segue :

—Ha nas escolas deste districto

182 meninos e *mais* 148 meninas nas classes maternas ; afóra estes, ha, ainda *mais* 1867 meninos e *mais* 1653 meninas nas outras classes ; si nós queremos saber, *ao todo*, quantas são essas crianças, temos de juntal-as, reunil-as, conta-as uma a uma, sommal-as.

Aproveite o professor a oportunidade e argúa a classe sobre o emprego do signal da operação e do signal de igualdade, suas vantagens, etc., o que tudo já foi ensinado. Mostre depois, como sempre que se trate de pequeno numero de objectos a sommar, haver o recurso da taboada para achar-se de prompto o resultado, e como a classe pouco uso faz dessa taboada, porque já sabe contar mentalmente muito depressa ; mas que—no caso de que se trata, nem é possível recorrer á taboada, porque lá se não encontram os numeros dados, nem é facil e commodo contar mentalmente, uma a uma, as crianças, pois que esse trabalho se tornaria longo e, por isso, sujeito a erros. Entretanto, dirá, é facilimo encontrar o resultado e vou-lhes dizer como :

Devem todos ter observado que não ha quasi trabalho que possamos fazer logo de uma vez ; apesar de sermos, em regra, muito vaidosos da nossa intelligencia, das nossas forças, etc., a verdade é que somos tão fracos, tão incapazes, que, para realizarmos actos vulgares e aparentemente singelos, somos obrigados a effectual-os por partes, aos poucos.

E' assim que ninguem toma um copo d'agua ou um prato de sopa, todo duma vez ; temos de tomar de cada vez certa porção, e ao cabo de certo numero desses pequenos actos é que teremos terminado a nossa tarefa.

E' possível que, chegando o professor a esse ponto, seja interrompido por algum alumno mais vivo, que proponha contar as crianças uma a uma, ao que elle objectará, então já ter dito que isso é muito longo e toma muito tempo—equivalia a tomar o copo d'agua, gotta a gotta, ou certa porção de arroz, de grão em grão. E continuará : Como procederemos nós, nestes casos ? Tomamos a agua aos góles, e mesmo, ás vezes, a grandes góles ; e do arroz a porção que uma colher ou um garfo póde receber, não é assim ? Pois, analogamente, já que não podemos juntar tantas unidades de uma vez

e já que não convém juntal-as uma a uma vamos reunir de cada vez todas as que constituem uma determinada ordem ; assim, vamos sommar, juntar, reunir, todas as unidades de 1ª ordem, depois todas as de 2ª, depois todas as de 3ª, e, assim, successivamente, até chegarmos a sommar, todas as unidades que formam os numeros que ahí estão. Apondará, então : 2 meninos de classe maternal e mais 8 meninos da classe maternal são 10 crianças ; juntando ás 10 os 7 meninos de curso primario teremos 17 crianças ; juntando ás 17 mais 3 meninas do curso primario, teremos 20 crianças, ou... F. ?—Duas dezenas de crianças.

—Muito bem. E como se deve escrever isso, N. ?

—2 na 2ª ordem e 0 na primeira.

—Perfeitamente ; mas, observem que ainda ha varias dezenas de crianças para sommar (aponta-as), portanto, é mais commodo juntar logo estas duas dezenas com as demais, para sabermos de uma vez quantas ha por junto.

Continuando : Teremos pois—estas duas dezenas já contadas e mais 8 (aponta) 10 dezenas ; juntando ás 10 mais 4 (aponta) teremos 14 dezenas ; juntando ás 14 mais 6 (aponta) teremos 20 dezenas, —ás quaes juntaremos, por fim, mais 5, obtendo 25 dezenas de crianças. Com 25 dezenas ou 25 unidades de 2ª ordem formamos... quantas centenas completas, M. ?—Duas centenas e ainda sobram 5 dezenas.

Muito bem. E onde se escrevem as centenas ?

—Na 3ª ordem, logo no 3º lugar. No 2º lugar só podemos escrever as 5 dezenas. (Escreve)

—E que faremos das 2 centenas ? Podemos dispensal-as ? Não, de certo, pois queremos contar *todas* as crianças representadas por estes numeros ; e como ainda ha varias centenas de crianças para contar, para juntar, para sommar, accrescentemos ás que ahí estão (aponta) estas duas.

E' desnecessario insistir, porquanto o processo é invariavelmente o mesmo, até a ultima ordem.

Por fim, fará vêr o professor a conveniencia de escreverem-se os numeros a sommar uns por baixo dos outros, de

modo a corresponderem-se as unidades de cada ordem, afim de se evitar algum engano, e o uso de passar um traço horizontal por baixo dos numeros assim dispostos, para dar um *typo*, um *molde*, um *feitio*, a indicar que se trata de um trabalho a effectuar sobre os numeros, de uma *operação arithmetica*, e não de numeros escriptos a esmo.

Fará, finalmente, recapitular todo o trabalho feito, de modo a ficar formulada, pelos proprios alumnos, a regra respectiva, sem que o espirito das crianças fique prevenido de que ha, uma regra preestabelecida a observar no effectuar da operação.

Por meio de exercicios e problemas variados, conseguirão gradativamente os alumnos a justeza e a rapidez da operação, devendo o professor exigir o calculo mental sempre que os dados se prestarem a esse fim, tudo de accordo com os conhecimentos obtidos no estudo da numeração. Alguns exemplos dos primeiros calculos mentaes :

—Mamãe comprou laranjas hontem, á tardê. Já se comeram 30 e ainda ha 70. Quantas laranjas mamãe comprou ?

—Para vir de casa á escola, caminho a pé durante 10 minutos, depois faço um percurso de bonde de 20 minutos, e, por fim, torno a caminhar a pé 5 minutos. Que tempo gasto na viagem.

—Na minha rua ha, de um lado, 42 casas, e, do outro, apenas 36. Quantas casas ha na minha rua ?

—Papae mandou plantar, num grande terreno que comprou, 200 laranjeiras, 50 jaboticabeiras, 30 mangueiras e 60 mamoeiros. Quantas arvores mandou papae plantar ?

Os exercicios escriptos, é claro, constarão de questões cujos dados sejam numeros compostos quaesquer, não sendo, entretanto, conveniente exagerar o numero de parcelas bem como o de ordens em cada parcella, afim de não fatigar os alumnos de modo a predispol-os a erros.

Passemos á subtracção.

O professor começará propondo aos alumnos uma questão em que figurem numeros compostos e se resolva por meio de uma subtracção ; e, imaginando os objectos correspondentes dispostos de

accordo com as ordens, dará a solução sob o ponto de vista concreto.

Exemplifiquemos: Ha numa fabrica de roupas brancas uma collecção de 2358 botões; é preciso distribuir pelas costureiras 482 botões para serem pregados ás peças que estão confeccionando. Quantos botões restarão em deposito?

Os alumnos dispoem de conhecimentos sufficientes a responder que se trata de uma subtração e a dispôr os dados e os signaes necessarios.

O professor mostrará, á semelhança do que fez relativamente á somma, que: 1º os numeros dados não se encontram na taboada; 2º não convém tomar 2358 objectos quaesquer e delles tirar, de um em um, 482 objectos, já pela difficuldade em obter e accommodar, ás vezes, um numero consideravel de objectos, já pelo tempo despendido em separar da collecção e contar—um a um—tambem, muitos objectos. Lembrará o alvitre tomado para a somma, ou melhor—provocará da parte dos alumnos manifestações nesse sentido, e proseguirá na explicação deste modo:

—Vamos imaginar que os botões estão distribuidos em caixinhas das quaes uma só tem 8 botões soltos (aponta); outra tem 5 dezenas de botões; ainda outra contém 3 centenas de botões e, por fim, ha numa ultima 2 mil botões. Já vimos que é preciso, que convém tirar—2 botões, depois as 8 dezenas e, finalmente, as 4 centenas, não é assim? Ora, é natural que tiremos os 2 botões da caixinha em que só ha 8 soltos: para tirar só 2, seria absurdo ir desorganizar as outras caixas. Quantos botões restarão nessa caixinha, L.? (A resposta deve ser prompta, e, quando não o seja, ha o recurso da taboada.)

Continuando: Escreva 6, L., e responda: Quantos botões ainda ha em deposito? Veja bem: Não tocamos na caixa dos 2 mil, na dos 300, na dos 50... (aponta, á proporção).

—2356, professor.

—Muito bem. Vamos agora tirar as 8 dezenas de botões. Lembremo-nos de que ha uma caixa onde os botões estão arrumados ás dezenas...

—Nessa é que devemos bulir.

—Perfeitamente; mas allí só ha 5 dezenas... Ficaremos impossibilitados de fornecer os botões ás costureiras?

—Não, senhor: ainda ha muitos nas outras caixas...

—Muito bem. Vamos pois á caixa das centenas de botões. Para não a desorganizarmos, para que ella continue a ser a caixa das centenas de botões, tiremos-lhe uma centena inteira, completa. Essa centena, todos os alumnos o sabem ha muito, desdobra-se em 10 dezenas, que, reunidas ás 5 na caixa respectiva, formam um total de 15 dezenas. Podemos agora tirar dahi as 8 dezenas que nos são necessarias e ainda restarão... F.?

—7 dezenas.

—Escreva isso. Vejamos quantos botões ha agora em deposito. Não tocamos ainda nos 2 mil (aponta); na caixa das centenas só ha... N.?

—2 centenas, ou 200, professor.

—E já escrevemos allí (aponta) como restantes...

—76, professor.

—Temos, pois, ainda (apontando) 2276 botões. E está tudo prompto? Não falta mais nada, M.?

—Ainda falta dar ás costureiras—4 centenas de botões.

—Justamente. E onde devemos ir buscal-as?

—Na caixinha das centenas.

E' inutil insistir, visto como o raciocinio é sempre o mesmo.

Quando houver zero numa ordem, por exemplo nos milhares, o professor dirá que—objectos arrumados de mil em mil não ha; mas que, sendo preciso tirar da collecção uns tantos mil, é facil ir ás dezenas de mil e retirar uma completa, de modo que os alumnos comprehendam que o recurso é sempre o mesmo.

A ultima parte da lição consistirá, como já vimos na addição, em mostrar o professor a conveniencia de escreverem-se os numeros—um por baixo do outro, de maneira a corresponderem-se as unidades de cada ordem, do uso de passar um traço horizontal por baixo dos numeros assim dispostos, e, por fim—procedendo á recapitulação de todo o trabalho feito, fará o professor com que os proprios alumnos formulem a regra respectiva, que não é mais do que a exposição desse trabalho, na ordem em que foi effectuado.

Os exercicios, os problemas, o fim por elles visado, a pratica do calculo mental, o ligeiro raciocinio, sempre bem claro e correcto de expressões, a proceder os exercicios escriptos, tudo, emfim, será perfeitamente analogo ao que já vimos na somma.

(*Continúa*).

O. C.

—)o(—

PHYSICA

ALAVANCAS

Para poder transmittir ou modificar a acção das forças, viu-se o homem obrigado a construir machinas, sem as quaes seriam nullos todos os seus esforços.

Uma das mais simples é esta que aqui temos—uma barra de madeira, uniforme e resistente, apoiada no seu meio (no seu centro de gravidade) á extremidade superior de uma columna sobre a aqual gyra livremente.

Devo dizer-lhes, agora, que esta machina, isto é, qualquer barra rigida e inflexivel como essa, movel em torno de um ponto fixo, é chamada alavanca.

Passemos a fazer algumas experiencias com esse aparelho.

Alavanca de braços iguaes—Suspendamos numa das extremidades da barra, aqui, (30 cents. do ponto de apoio) um peso de 1 kilo. Que succede? O peso faz baixar a extremidade á que está preso e levanta a outra; não é assim?

Suspendemos na extremidade oposta, tambem, á mesma distancia do ponto de apoio, um peso igual ao primeiro. Que acontece? A alavanca retoma a posição horizontal; isto é, restabelece-se o equilibrio.

Acabamos de observar que sobre a alavanca estão actuando duas forças contrarias. Esta, (mostrando) que deve ser equilibrada ou vencida, é chamada resistencia; a outra, destinada a produzir o equilibrio, potencia.

Este ponto, (indicando) sobre o qual actúa a potencia, é denominado ponto de applicação da potencia; o outro, sobre o qual actúa a resistencia, é o ponto de applicação desta. A distancia que fica, comprehendida entre o ponto de apoio e o ponto de applicação da potencia, é chamada braço da potencia, e a que fica entre o ponto de apoio e o ponto de applicação da resistencia é chamada braço da resistencia.

Quantos braços tem, pois, a nossa alavanca?—Sim; ella tem dous braços, que são exactamente iguaes, pois cada um mede 30 cents.

Quem me poderá dizer qual desses braços sustenta maior peso; será o da potencia ou o da resistencia?—Perfeitamente, ambos sustentam pesos iguaes; si assim não fosse, deixaria de haver equilibrio, não é exacto?

Logo, para que a alavanca de braços iguaes esteja em equilibrio é indispensavel que as forças que sobre ella actuem (potencia e resistencia) sejam rigorosamente iguaes.

Alavanca de braços desiguaes—Colloquemos a 2 cm. do ponto de apoio um peso de 1/2 kilo (resistencia) e em sentido contrario, a 1 cm. do mesmo ponto, um peso de 1 kilo (potencia); como vemos, surge uma alavanca de braços desiguaes. Vemos ainda que, não obstante serem os pesos desiguaes, a alavanca se mantem em equilibrio.

Como explicar esse facto?—Deslo-

O melhor para as crianças com lombrigas

O Vermifugo EMIL é um xarope de sabor agradável e de efeitos seguros nas lombrigas e varias especies de ascarides.

E' completamente inoffensivo; não é irritante, a exemplo dos vermifugos oleosos.

E' preparado com vegetaes da flora brasileira, dos que são usados pelas commissões medicas do interior dos Estados, e, por isso, destróe todos os vermes, inclusive o anchylostomo.

Mas ainda mesmo quando as crianças nervosas e insomnes não expillam bichas, usando o Vermifugo EMIL, conseguem, com o seu uso, a calma e o dormir tranquillo.

O Vermifugo EMIL serve em qualquer caso, em crianças e adultos. Não tem dieta.

A' venda nas principaes pharmacias e drogarias. Preço: vidro 2\$500; pelo Correio, 3\$500.

Deposito geral: Rua Uruguayana N. 66. Perestello & Filho.

quemos a resistencia (1/2 kilo) do ponto em que se acha. Verificamos que, á medida que o peso se vai approximando do ponto de apoio, vai produzindo no braço correspondente um effeito cada vez menor, dando-se o contrario, quando delle se afasta.

Dahi concluimos que o effeito de uma força applicada em uma alavanca depende do comprimento do braço sobre o qual actúa.

Assim sendo, podemos dizer que o effeito produzido por 1/2 kilo num braço de 2 cm., é o mesmo que o produzido por 1 kilo num braço de 1 cm.

Portanto, duas forças, actuando sobre uma alavanca, fazem o equilibrio, quando ellas estão entre si na razão inversa dos braços, nas extremidades dos quaes estão applicadas. (Principio descoberto por Archimedes).

Suspendamos, agora, como resistencia, esses 2 kilos a 2 cm. do ponto de apoio e, como potencia, esse peso de 1/2 kilo a 8 cm. do mesmo ponto; conforme verificamos, a alavanca fica em equilibrio.

Multiplicando a potencia pelo seu braço, vem $1/2 \times 8 = 4$; e multiplicando tambem a resistencia pelo seu braço, achamos $2 \times 2 = 4$. Ora, conforme estamos vendo, os productos são iguaes.

Podemos, pois, dizer que a alavanca está em equilibrio, quando o producto da potencia pelo seu braço é igual ao producto da resistencia pelo respectivo braço.

Acabamos de verificar que a resistencia e a potencia estão entre si na razão inversa dos braços da alavanca sobre os quaes actuam. Por exemplo, sendo o comprimento do braço da resistencia

6/10 do do braço da potencia, será tambem a potencia 6/10 da resistencia.

E, sendo a resistencia 7/2 da potencia, o comprimento do braço da potencia será forçosamente 7/2 do da resistencia.

Sendo a resistencia igual a 5 kilos, o braço correspondente igual a 16 cm. e o da potencia igual a 40 cm., qual a potencia necessaria para que a alavanca entre em equilibrio?

O comprimento do braço da resistencia corresponde a 16/40 do do braço da potencia, por conseguinte deve a potencia corresponder a 16/40 da resistencia $= 16/40 \times 5 = 80/40 = 2$ kilos.

Com effeito, o producto da resistencia, pelo seu braço, é igual a $5 \times 16 = 80$, e o producto da potencia, pelo seu braço, igual a $2 \times 40 = 80$. Ha equilibrio.

Sendo a resistencia equivalente a 14 kilos, a potencia a 4 kilos e o braço da resistencia de 8 cm., qual deve ser o comprimento do braço da potencia para que a alavanca fique em equilibrio?

A resistencia $= 14/4$ da potencia, portanto, o comprimento do braço da potencia deve ser igual a $14/4$ do braço da resistencia $= 14/4 \times 8 = 112/4 = 28$ cm. O producto da resistencia pelo seu braço $= 14 \times 8 = 112$ e o producto da potencia pelo seu braço $= 4 \times 28 = 112$. Os productos são iguaes, logo ha equilibrio.

Alavanca de um só braço — Aqui temos uma outra especie de alavanca; o ponto de apoio não mais se acha no centro da barra, mas, sim numa das suas extremidades. E' uma alavanca de um só braço.

Na alavanca de um braço, o ponto de apoio fica numa das extremidades, ao passo que, na alavanca de dous braços, fica entre a potencia e a resistencia.

Colloquemos nessa alavanca (de um braço) como resistencia, um peso de 1 kilo e, como potencia, façamos actuar a nossa mão na extremidade livre da mesma; impellindo a barra para cima, façamol-a tomar a posição horizontal.

Ponhamos a resistencia perto da extremidade onde se acha applicada a nossa mão; vemos que é mister grande esforço para manter a alavanca em equilibrio; ao contrario, quanto mais proxima estiver do ponto de apoio, tanto menor será o esforço que deve ser despendido.

Atemos a extremidade livre da alavanca de um só braço a uma das extremidades da alavanca de dous braços iguaes, de modo que o cordel, que une as duas alavencas, forme com ellas angulo recto.

Suspendamos, agora, este peso de 100 gs. (resistencia) na extremidade livre da alavanca de dous braços; vemos que elle vai actuar sobre a extremidade livre da alavanca de um só braço, (no nosso caso, de 30 cm.) procurando impellil-o para cima.

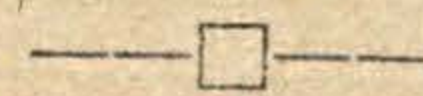
Para estabelecer o equilibrio, basta applicarmos, como potencia um, peso de 1000 gs. num braço de 3 cm., ou um peso de 500 gs. num braço de 6 cm. ou, ainda, um peso de 200 gs. num braço de 15 cm. O producto da resistencia pelo seu braço é 100×30 . O producto da potencia pelo seu braço será, no primeiro caso, 1000×3 ; no segundo, 500×6 e no terceiro 200×15 .

Dahi tiramos a conclusão de que tambem a alavanca de um só braço está em equilibrio, quando o producto da potencia pelo seu braço é igual ao producto da resistencia pelo respectivo braço.

Depois destas noções, deve o professor tratar das diversas applicações da alavanca, mostrando, por exemplo, como os resultados obtidos por meio de uma

balança, de uma roda de moinho, de um quebra-nozes, de uma tezoura, de uma machina de picar fumo, de um expremedor de limão, de um carrinho de mão, dos remos de um barco, de uma pinça, de um ferro de frizar cabelo, etc., etc., são todos regidos pelas leis da alavanca.

E. B.



Classe maternal

Em nosso numero de agosto ultimo, publicámos versos da lavra de uma distincta professora, D. Zuleida Godinho Recife, compostos com o objectivo didactico de instruir, divertindo os alumnos da classe maternal da Escola Pedro II; no nosso numero de setembro, publicámos novos versos da mesma autora, por ella destinados ao mesmo fim que os primeiros.

Ao fazermos a primeira dessas publicações, precedemol-a de considerações salientando o valor educativo da musica e do canto e observando serem os versos em questão faceis de ser musicados, mesmo sem os soccorros de uma technica acurada.

Havia em nossa observação quasi que um appelo, em boa hora attendido pelo consagrado compositor, Sr. Ernesto Nazareth, a quem devemos a musica, que, em seguida, publicamos, offerecendo-a aos nossos professores:



CASA DAS NOVIDADES

LUVARIA GOMES

Meias. luvas, leques, bolsas, carteiras, rendas, fitas, calares, pulseiras, brincos e chapéos para meninas e senhoras.

A's Exmas. professoras municipaes faz-se o desconto de 10%

38, Travessa S. Francisco, 38

A Luneta de Ouro



Officina de escultura — Encarnação e concertos de imagens, batinas e vestes sacerdotaes.

Artigos religiosos, imagens, paramentos, harmonius, oculos, pince-nez, binoculos, optica e artigos de fantazias.

PINTO DA FONSECA & BALSEMAO

Rua do Ouvidor. 123 - Tel N. 5583

Abre ás 8 — Fecha ás 6 = Caixa Postal 1.598 — Endereço telegraphico "AURELIO"

Acaba de receber grande quantidade de todos os artigos que constituem sua especialidade. O maior sortimento em Harmoniuns allemães e francezes.

RIO DE JANEIRO

Musica destinada

Composicao de

Ernesto Nazareth

Escola Pedro II.

Res. 17-10-921

Mazurka e Marcha

Animato

A Caminho

Anduceca

Handwritten musical notation for the first system of 'A Caminho'. It consists of two staves: a treble clef staff with a melody and a bass clef staff with accompaniment. The key signature has one sharp (F#) and the time signature is 4/4. The notation includes various note values, rests, and dynamic markings.

Moderato

Handwritten musical notation for the second system of 'A Caminho'. It continues the two-staff format. A 'Canto' section is indicated with 'espress' (espressivo) marking. The notation features a mix of eighth and sixteenth notes.

Handwritten musical notation for the third system of 'A Caminho'. It continues the two-staff format with further melodic and harmonic development.

Handwritten musical notation for the first system of the second piece. It features a treble clef staff with a melody and a bass clef staff with accompaniment. A 'ritard.' (ritardando) marking is present at the end of the system.

Handwritten musical notation for the second system of the second piece. It includes a 'dim.' (diminuendo) marking and an 'animato' tempo instruction.

Handwritten musical notation for the third system of the second piece. It includes a 'rit' (ritardando) marking.

Preparando a terra

Handwritten musical notation for the fourth system of the second piece. It continues the two-staff format with a 'Preparando a terra' marking.

A. Sorrente Op. 14 n. 3
Marche S.

1^o viol.

2^o viol.

Fin *ff*

Violoncello

Al. S.
ripetition
Fin.

PARTE DE CANTO

Introducción *Animato* *A. Sarracino* *Canto*

Moderato *Espress.*

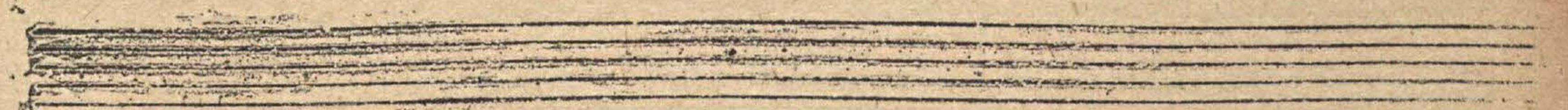
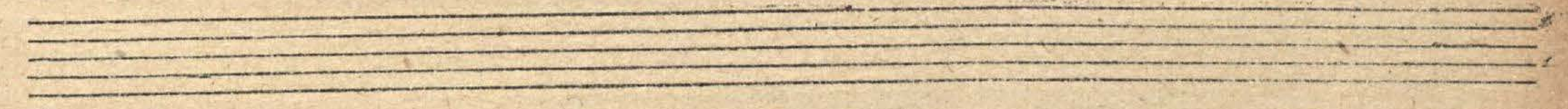
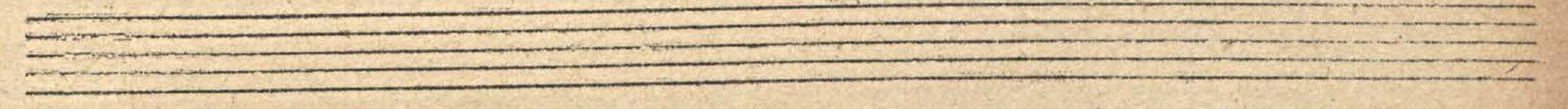
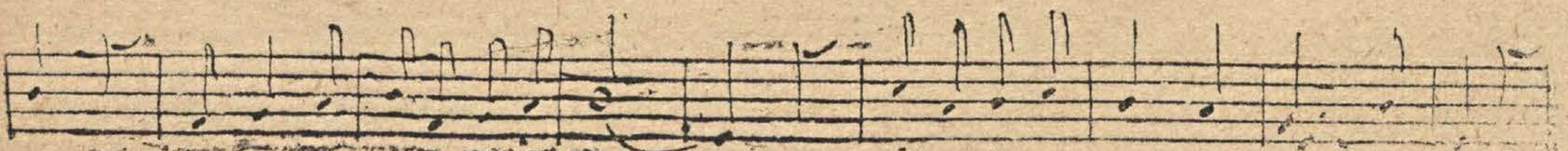
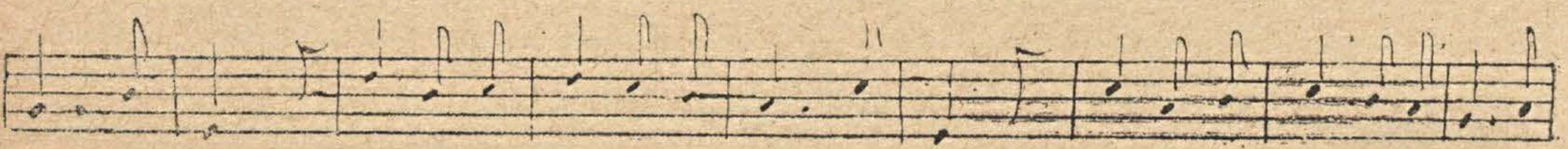
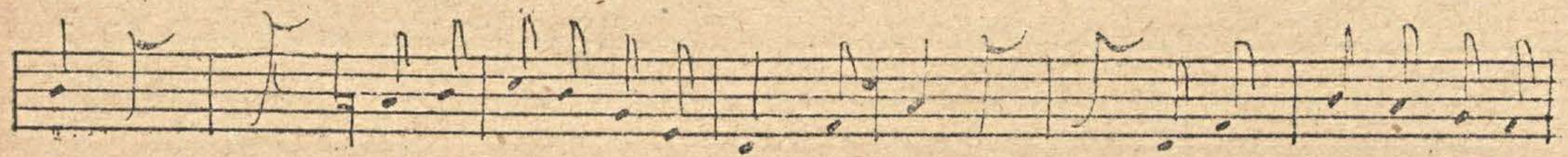
Animato *dim.*

rit.

Preparando *a terra*

A. Sarracino *- Op. 121* *Morcha*

sf



PALIDEZ DA FACE

A anemia, a chlorose, a neurasthenia, o excesso de trabalho, etc., causam as senhoras a pallidez da face, tornando-as apprehensivas e tristonhas. As *Pilulas Fortificantes* do Pharmaceutico Carlos Cruz fazem desaparecer esse flagello. São vendidas em as pharmacias e drogarias. :-:

Agentes Geraes:
CARLOS CRUZ & C.
Rua São Bento, 1
Rio de Janeiro



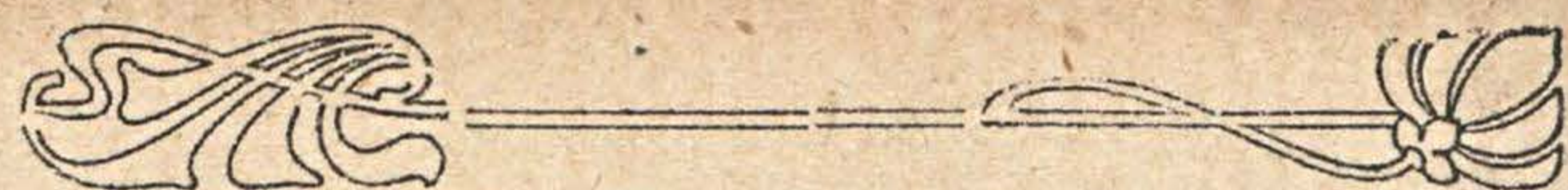
OCULOS e PINCE-NEZ

para qualquer defeito da vista

Apparelhos Photographicos e Accessorios.

LUTZ, FERRANDO & CIA LTDA

RUA GONÇALVES DIAS N. 40 — RIO



A Dentição das Crianças



Todo o cuidado é pouco quando se trata dos dentes da Criança pois a saúde depende em grande parte do estado da bocca.

Auxilie a Assistência Dentaria Gratuita Associação Central Brasileira dos Cirurgiões Dentistas, Av. Rio Branco, 142,

S.S.White Dental Mfg. Co. of Brazil



Usou o

ELIXIR DE INHAME

e engordou 8 kilos



Cecilia Eduarda e Silva

Declaro que soffrendo de molestias de pelle e estomago usei diversos preparados sem resultado e com 2 vidros do **ELIXIR DE INHAME** fiquei curada engordando (8) oito kilos. Junto remetto a minha photographia.

Cidade de Nazareth, Estado da Bahia, 28 de Junho de 1920.

Cecilia Eduarda e Silva.

CASA GUIOMAR Calçado dado

120, AVENIDA PASSOS, 20

ULTIMA NOVIDADE

Fortissimos borzeguins em vaqueta escura, sola dupla, proprios para collegiaes.

Preços de reclame

De 18 a 26 8\$000
De 27 a 32 9\$000



Pelo Correio, mais 2\$000 em par



Pelo Correio, mais 2\$000 em par

Sapatos ALTIVA, em kanguru, preto e amarello, criação exclusiva da CASA GUIOMAR, recommendados para uso escolar e diario, pela sua extrema solidez e conforto.

De 17 a 25 5\$000
De 27 a 32 6\$300
De 33 a 40 8\$000

Já se acham promptos os novos catalogos illustrados, os quaes se remettem inteiramente gratis a quem os solicitar, rogando-se toda a clareza nos endereços para evitar extravios. Os pedidos podem vir juntos com a importancia na mesma carta registrada com valor ou em vales do correio, dirigidos á firma Julio de Souza, successor de Graefl & Souza — AVENIDA PASSOS, 120 — RIO.

A Independencia

Mobiliario completo para uma casa com 36 peças, 2:300\$000 á Rua do Theatro, 1 — Teleph. Central 476.

LIVRARIA FRANCISCO ALVES

RIO DE JANEIRO

S. PAULO

BELLO HORIZONTE

Rua do Ouvidor, 166

Rua Líbero Badaró, 129

Rua da Bahia, 1055

PAULO DE AZEVEDO & C. Livreiros Editores e Importadores

EXTRACTO DO CATALOGO

SABINO e COSTA e CUNHA

HILARIO RIBEIRO

Cartilha Nacional.....	\$500
2º Livro de Leitura.....	\$800
3º Livro de Leitura.....	\$800
4º Livro de Leitura.....	\$800

THOMAZ GALHARDO

Cartilha da Infancia.....	\$600
2º Livro de Leitura.....	1\$500
3º Livro de Leitura.....	2\$500

EPAMINONDAS E FELISBERTO DE CARVALHO

1º Livro de Leitura.....	2\$000
2º Livro de Leitura.....	2\$500
3º Livro de Leitura.....	3\$000
4º Livro de Leitura.....	3\$500
5º Livro de Leitura.....	3\$500

SERIE PUIGGARI-BARRETO

Cartilha Analitica.....	1\$500
1º Livro de Leitura.....	2\$500
2º Livro de Leitura.....	3\$000
3º Livro de Leitura.....	3\$000
4º Livro de Leitura.....	2\$500

ARNALDO BARRETO

Cartilha das Mães.....	1\$000
Primeiras Leituras.....	2\$000
Leituras Moraes.....	2\$000

FRANCISCO VIANNA

Primeiros Passos na Leitura.....	1\$500
Cartilha.....	1\$800
Leitura Preparatoria.....	2\$500
1º Livro de Leitura.....	3\$000
2º Livro de Leitura.....	3\$000
3º Livro de Leitura.....	3\$000
4º Livro de Leitura.....	4\$000

JOÃO KOPKE

1º Livro de Leitura.....	2\$000
2º Livro de Leitura.....	2\$500
3º Livro de Leitura.....	2\$500
4º Livro de Leitura.....	3\$500
5º Livro de Leitura.....	4\$000
Leituras Praticas.....	1\$500
Fabulas (em verso).....	1\$500

D. MARIA ROSA RIBEIRO

Leitura Intermediaria.....	2\$000
Leitura para o 2º anno.....	2\$500
Leitura para o 3º anno.....	2\$500
Leitura para o 4º anno.....	3\$000

D. RITA DE MACEDO BARRETO

Leituras Preparatorias.....	2\$000
1º Livro de Leitura.....	2\$000
2º Livro de Leitura.....	2\$500
3º Livro de Leitura.....	2\$500
4º Livro de Leitura.....	3\$000

ABILIO CESAR BORGES

1º Livro de Leitura.....	\$600
Novo 1º Livro de Leitura.....	1\$000
2º Livro de Leitura.....	2\$500
3º Livro de Leitura.....	2\$500

Expositor da Lingua Materna.....	1\$000
Segudo Livro.....	1\$000

FERREIRA DA ROSA

Methodo de aprender a ler.....	\$500
2º Livro de Leitnra.....	1\$500
3º Livro de Leitura.....	2\$000
Excursões escolares.....	1\$000

DR. MARIO BULCÃO

Vida Infantil 1º Livro.....	1\$500
Vida Intantil 2º Livro.....	2\$000
Vida Infantil 3º Livro.....	2\$000

COLLEÇÃO F. T. D.

Quadròs Muracs, cada quadro.....	1\$000
Novos Principios de Leitura.....	1\$000
Guia da Infancia, 1ª parte.....	2\$000
Guia da Infancia, 2ª parte.....	2\$000
Guia da Infancia, as 2 partes.....	4\$800
O 1º livro de André 1ª parte.....	2\$000
O 1º livro de André 2ª parte.....	2\$000
Compendio de Historia Sagrada.....	3\$000
Noções de Sciencias.....	3\$000
Anthologia (3º livro da coll.).....	4\$000
Anthologia (4º livro da coll.).....	6\$000
E. DE AMICIS—Coração.....	2\$000

AFRANIO PEIXOTO

Minha Terra e Minha Gente.....	2\$500
BILAC e NETTO—Contos Patrios.....	3\$500
" " Patria Brasileira.....	3\$500
" " Theatro Infantil.....	2\$500

CORNAZ

As creanças e os animaes.....	1\$500
Novos Amigos.....	2\$000
CORREIA e BARRETO—Era uma vez.	2\$000
A. M. PINTO—Proverbios populares..	2\$000
BILAC e BOMFIM — Leitura Comple-	
mentar.....	4\$000

ALBERTO DE OLIVEIRA — Céu, Terra e Mar.....

	3\$500
--	--------

TRANCREDO AMARAL

Livro das Escolas.....	3\$000
------------------------	--------

BARRETO E LAET

Anthologia Nacional.....	5\$000
--------------------------	--------

EUGENIO WERNECK

Antologia Brasileira.....	5\$000
---------------------------	--------

JOÃO RIBEIRO

Autores Contemporaneos.....	3\$000
Selecta Classica.....	4\$000

DUQUE ESTRADA—Thesouro Poetico.

	3\$500
B. P. R. — Leitura Manuscripta.....	1\$500

A BALTHAZAR DA SILVEIRA

Educação Moral e Civica.....	2\$500
OLAVO BILAC — Poesias Infantis.....	3\$500
L. FERDINAND—Lyra das Crianças...	2\$000
R. PUIGGARI — Album de Gravuras...	2\$000

Remettemos o nosso catalogo, gratis para todo o Brasi'